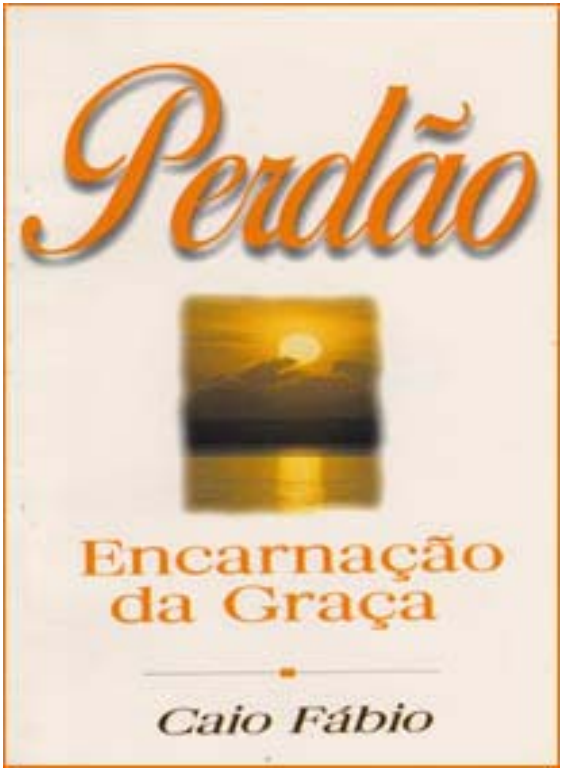

Perdão:

Encarnação da Graça

Caio Fábio D'Araújo Filho

Formatação:
HTTP://SEMEADORESDAPALAVRA.QUEROUMFORUM.COM

Índice

APRESENTAÇÃO
PREFÁCIO
PERDÃO: ENCARNAÇÃO DA GRAÇA
O PERDÃO NA IGREJA
O PERDÃO NO CASAMENTO
PERDÃO NAS RELAÇÕES EM GERAL
O PADRÃO DO PERDÃO
O PROCESSO DO PERDÃO
O AGENTE DO PERDÃO
ATITUDE PERMANENTE
TRÊS LEMBRANÇAS IMPORTANTES

APRESENTAÇÃO

Este livro é mais uma metamorfose literária: sons virando letras pelo esforço dos que transcreveram uma palestra matinal em Araras, a fim de fazerem-na em registro duradouro, um livro.

Sabendo disso seja indulgente e não exija muito do material que segue transcrito. É possível que o aceitá-lo como está na sua incipiência e concisão já seja seu primeiro exercício de perdão.

Seja como for, ele é filho de um coração engravidado no útero de uma história pessoal de trinta anos: a minha vida.

Meu desejo é que este livro lhe seja um poderoso agente de cura divina para a alma.

Rev. Caio Fábio

PREFÁCIO

A história do perdão se apresenta através da palavra mágica e da própria experiência de vida do Rev. Caio Fábio com toda a paixão dos que aprenderam duramente não só a perdoar, como assistir outros perdoando.

Assistir no sentido de dar assistência, curar, proteger o nascituro do perdão contra ráfagas da violência do antiperdão.

Para mim foi pura emoção, não só ouvir o menino-homem Fábio através de duas fitas eloqüentes e repassadas da mais funda ternura, febre mística e fulgor passional, como repassar o texto, dando pequenos toques numa linguagem por si mesmo eloqüentemente forte, inteligente e bela.

Allinges L. Cesar Mc Night

Bosque dos Esquilos, julho de 1985.

Capítulo Um

PERDÃO: ENCARNAÇÃO DA GRAÇA

Se teu irmão pecar (contra ti), vai argüi-lo entre ti e ele só.

Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão.

Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas toda palavra se estabeleça.

E, se ele não vos atender, dize-o a igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano.

Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra, terá sido ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra, terá sido desligado no céu.

Em verdade também vos digo que, se dois entre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que porventura pedirem, ser-lhe-á concedida por meu pai que está nos céus.

Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles.

Então Pedro, aproximando-se, lhe perguntou: Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes?

Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete.

Por isso o reino do céu é semelhante a um rei, que resolveu ajustar contas com os servos. E passando a fazê-lo, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos.

Não tendo ele, porém, com que pagar, ordenou o senhor que fosse vendido ele, a mulher, os filhos, e tudo quanto possuía, e que a dívida fosse paga.

Então o servo, prostrando-se reverente, rogou: Sê paciente comigo e tudo te pagarei.

E o senhor daquele servo, compadecendo-se mandou-o embora, e perdoou-lhe a dívida.

Saindo, porém aquele servo, encontrou um dos seus conservos que lhe devia cem denários: e, agarrando-o, o sufocava, dizendo: Paga-me o que me deves.

Então o seu conservo, caindo-lhe aos pés, lhe implorava: Sê paciente comigo e te pagarei.

Ele, entretanto, não quis; antes, indo-se o lançou na prisão até que saldasse a dívida.

Vendo os seus companheiros o que se havia passado, entristeceram-se muito, e foram relatar ao seu senhor tudo o que acontecera.

Então o seu senhor, chamando-o, lhe disse: Servo malvado, perdoei-te aquela dívida toda porque me suplicaste; não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti?

E, indignando-se, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse toda a dívida.

Assim também meu pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um de seu irmão.

E aconteceu que, concluindo Jesus estas palavras, deixou a Galiléia e foi para o território da Judéia, além do Jordão. Seguiram-no muitas multidões, e curou-as ali.

Vieram a ele alguns fariseus, e o experimentavam, perguntando: É lícito ao marido repudiar a sua mulher por qualquer motivo?

Então respondeu ele: Não tendes lido que o Criador desde o princípio os fez homem e mulher; e que disse:

Por esta cauda deixará o homem pai e mãe, e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne?

De modo que já não são mais dois, porém uma só carne. Porquanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem.

Replicaram-lhe: Por que mandou então Moisés dar carta de divórcio e repudiar?

Respondeu-lhes Jesus: Por causa da dureza do vosso coração é que Moisés vos permitiu repudiar vossas mulheres; entretanto, não foi assim desde o princípio.

Eu porém, vos digo: Quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de relações sexuais ilícitas, e casar com outra, comete adultério (e o que casar com a repudiada comete adultério).

Disseram-lhe os discípulos: Se essa é a condição do homem relativamente a sua mulher, não convém casar.

Jesus, porém, lhes respondeu: Nem todos estão aptos para receber este conceito, mas apenas a quem é dado.

Porque há eunucos de nascença; a outros a quem os homens fizeram tais; e a outros que a si mesmo se fizeram eunucos, por causa do reino dos céus. Quem é apto para admitir, admita-o.

Mateus 18:15 a 19: 12

Setenta x Sete nada mais é do que a numerologia do perdão, a matemática do amor. Por isso lemos este texto de Mateus capítulos 18 e 19 que falam a respeito do assunto. Vejamos o que diz os versículos 21 e 22 do capítulo 18.

Então, Pedro, aproximou-se, lhe perguntou: Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete.

Introduzo este assunto como algo que julguei pertinente ao momento, em nível de conceituação e definição, pelo menos quanto à procura de entendimento a respeito do significado do perdão.

Quando, na expectativa de descobrir aquilo que Deus queria que fosse partilhado com o seu povo, comecei a estudar este texto, perguntei-me a mim mesmo: Senhor, o que é falar de perdão?

A resposta que me veio ao coração é esta:

Falar de perdão é falar de Deus, é falar da graça, é falar da capacidade de oferecer aos outros uma memória apagada, sem registros, sem mágoas e sem as tatuagens do ressentimento.

Perdoar é deixar o outro nascer de novo na nossa história, sem as memórias que fizeram dele uma desagradável lembrança.

Falar de perdão é falar de um alto padrão, é falar de algo que o mundo não ensina, é falar daquilo que a natureza caída do cosmos não criou, nem por seleção natural, nem por geração espontânea, porque não se aprende as leis do perdão na natureza.

Falar de perdão é falar de vida, de saúde, de paz e da verdadeira humanidade individual que se transforma na semelhança de Deus, pois quem não perdoa, adoece e se deforma como gente.

Falar de perdão é falar do sentimento essencial para se viver com o coração descoberto neste mundo de agressões e de facas afiadas.

Falar de perdão é falar de Jesus e dos homens que com Ele almejam ficar parecidos. Falar de perdão é falar da repetição da vida de Jesus na nossa pobre, frágil e caída humanidade individual. Falar de perdão é falar de Deus na minha e na sua vida.

No texto de Mateus, 18 há uma ligação de assuntos que se combinam em relação ao perdão.

Quem acaso ler apenas os versos bíblicos acima e pensar que neles está inserida toda a mensagem do perdão, ilude-se. Notem que o texto tem início dizendo: Então Pedro, perguntou (...). Isto significa que o que tinha sido dito antes foi o que motivou Pedro a fazer aquela pergunta. Ele foi tomado de uma extrema perplexidade diante das coisas que Jesus acabara de dizer a respeito de relações interpessoais.

Jesus tinha justamente acabado de ensinar, no contexto antecedente sobre perdão na igreja. Entre os versículos 15 e 19 essa foi sua tecla, tema e assunto. Ao invés de ser o clássico texto sobre disciplina, esse é o texto sobre o perdão.

Capítulo Dois

O PERDÃO NA IGREJA

O interessante é que a disciplina nesse texto é o resultado, a atitude in extremis, quando se tentou oferecer acima de tudo, apesar de tudo e além de tudo, perdão a alguém. Perdão que foi rejeitado, que não foi assumido e ao qual se deu de mão: -Se o teu irmão pecar contra ti vai argüi-lo entre ti e ele só, se ele te ouvir tu ganhaste o teu irmão. Se ele não te ouvir, leva duas ou três testemunhas. Se ele não te ouvir, então leva-o à Igreja. Se ele não ouvir a Igreja, então, in extremis, disciplina-o, diz Jesus.

Não se está falando aqui de adultério ou de pecados morais escrabrosos. Jesus está falando de relações interpessoais, de um irmão que feriu o outro. Quase sempre na igreja a gente pensa em disciplina com relação a esse tipo de pecado. Mas Jesus diz que atitude última, extrema, de disciplina, começa na rusga da relação interpessoal que não se acertou. É sobretudo em função disso que pode haver disciplina.

Mas é a atitude extrema, quando se andou mais do que uma segunda milha observa-se que três passos foram dados, não apenas dois.

Primeiro passo: vai tu, e confronta. Não houve arrependimento? Volta com outro. Não houve mudança? Leva-o a igreja. Não houve acerto? A disciplina, então, é o 4º passo. Parece que Jesus está ensinando que além da segunda há, uma terceira e uma quarta milhas na relação entre os irmãos na comunidade.

No entanto, Ele diz que essa disciplina, esse gesto comunitário, in extremis quando alguém não aceitou o perdão oferecido, deve ser feito sem nenhum ressentimento e com um profundo espírito de oração: -Também vos digo que, se dois de vós concordarem na terra acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito por meu Pai, que está nos céus.

A palavra que no grego corresponde a concordarem tem o sentido de sinfonia. Algo lindo, não é mesmo? Sinfonia, ou seja, a orquestra afinada, sem dissonâncias, sem ninguém fora da nota, no diapasão do amor. Se dois entre vós estiverem em sinfonia na terra, a respeito de

qualquer coisa que porventura pedirem, ser-lhe-á concedida por meu Pai que está nos céus, afirma Jesus. E a coisa concedida é, antes de tudo, a do versículo 18: ligar ou desligar.

Ligar o irmão que rompeu a comunhão, que ficou me odiando ou a quem odiei. Ligá-lo na comunhão ou desligá-lo, caso seja recusado o perdão insistentemente oferecido no primeiro, no segundo e no terceiro passo, numa relação unitária, secundária ou terciária, ou seja, de um, de dois ou da própria comunidade. Se depois disso tudo ele não quiser reconciliação, então nos diz Jesus que se for recusado, a comunidade, sem ressentimento, no espírito de oração, chegar à conclusão de que o perdão foi oferecido abundantemente, e esse irmão o rejeitou, então que ele seja desligado.

É interessante observar como esse texto não fala tanto de disciplina, mas principalmente de perdão. Fala da insistência de ganhar o irmão, de trazê-lo de volta. Fala de setenta x sete, da multiplicação de desejos, de reconquista, de disponibilidade interior para aceitação do irmão arredio.

Jesus, portanto, repete o princípio de Mateus, 5:41: E, se qualquer te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas.

Mas o Senhor Jesus promete mais ainda: que a sua presença na comunidade e nas relações dos irmãos depende de duas atitudes básicas., A primeira é que deve haver perdão. O verso 18 usa essa palavra belíssima, ligardes, que tem a ver com a idéia de se geminar as pessoas, fazê-las gêmeas univitelinas.

Jesus aconselha a ligar, perdoar, esquecer, oferecer uma memória limpa, e afirmar que se nós fizermos isso, Ele estará presente. Quando dois concordam, quando se reconciliam sobre a terra, eu estou no meio deles, promete.

Em segundo lugar, Ele diz que deve haver consenso comunitário. Se houver consenso comunitário de que se procurou perdoar aquele que rejeitou ajuda e perdão, Ele também estará no meio da comunidade. Nessa sinfonia da oração, nesse ajuntamento dos irmão, Jesus promete estar presente.

A Igreja é sem dúvida um dos lugares também difíceis de se estabelecerem relações interpessoais, o que pode até parecer estranho. No trabalho, onde todos são duros, as faces como pederneiras e os rostos como diamante, onde a lei é a frieza e onde as intimidades se resguardam,

parece que conseguimos passar indiferentes pela trajetória do outro, sem nos preocuparmos tanto com ele, com as suas coisas e a sua vida.

Na comunidade dos irmãos, no entanto, onde se deseja ser família, onde os corações querem se despir, desnudar, onde os direitos são igualitários, onde o amor socializa as obrigações e os privilégios, onde as pessoas tiram as máscaras pela via do convívio e o poder da Palavra de Deus que expõe a nossa verdadeira face não somente a Deus, mas também aos outros aparecem as nossas doenças, as nossas taras, as nossas rugas, as nossas malquerenças, as nossas incompreensões, as nossas distorções de comportamento e as nossas patologias. Também é ali que muito frequentemente um irmão fica ofendido contra outro irmão.

E é nesse espírito de insistência de perdão, nessa pseudo importunação do perdão, nessa procura de dar, de conquistar, de andar a primeira, a segunda e a terceira milha, de fazer tudo para ganhar o irmão, que eu e você devemos viver, existir e conviver na relação comunitária.

Capítulo Três

O Perdão no Casamento

Esse texto também nos fala do perdão no casamento. É interessante notar que logo a seguir a esse assunto de perdão, o capítulo 19 nos introduz o assunto de divórcio. E eu fico pensando que se há realmente uma razão pela qual os divórcios acontecem, essa razão é sem dúvida a falta de perdão.

Mateus coloca o divórcio só depois de haver falado em perdão. Fala de casamento só depois de haver falado em perdoar 70 x 7. Ninguém está preparado para casar, para uma relação a dois, sem antes haver passado pela aula o perdão. Acho maravilhoso que Mateus não tenha feito esse arranjo de propósito, já que foi o Espírito Santo quem o fez. Lições sobre o casamento só aparecem depois das lições sobre o perdão, porque ninguém consegue viver a dois se não tiver aprendido sincera e profundamente a perdoar.

Veja no texto de Mateus, 19 o que acontece no casamento quando não há perdão. O versículo 3 diz que qualquer motivo torna uma coisa

grande. Procuraram Jesus e perguntaram-lhe: É lícito deixar a mulher por qualquer motivo?

Quando não há perdão, qualquer motivo é razão para separação. Quando não há perdão, qualquer pequenina coisa se agiganta. As lentes com as quais se olha são as da hipermetropia: as coisas crescem. É o perdão que põe nos olhos das pessoas a dimensão certa. É o perdão que consegue fazer de nós um pouco míopes na relação familiar: Ver menos, enxergar menos! É o amor que encobre, sem tapear, multidões de defeitos e pecados.

Mas quando não há esse espírito de perdão, motivos os mais insignificantes podem desencadear o divórcio. É o temperamento incompatível, o gênio difícil e agressivo de um ou do outro; é a altura, a feiúra, a gordura ou o mau hálito; é a cultura, o marido que fez um curso a mais e que agora acha que a mulher é uma ignorante, coitadinha, uma doméstica, cujo direito, como diz o centifolio dos machistas mineiros, é esquentar a barriga no fogão e esfriá-la no tanque de levar roupa.

Quando não há espírito de perdão é exatamente isso que acontece; os pequenos motivos tornam-se grandes razões, as pequenas desavenças transformam-se em guerras, as pequenas feridas se convertem em cânceres incuráveis.

Em segundo lugar, quando não há perdão no casamento destrói-se a unidade das almas, pois deixam de ser os dois uma só carne. Jesus conclui dizendo: Portanto, não separe o homem o que Deus uniu.

Normalmente nós entendemos que quem separa é o Juiz, ou o pastor, quando casa de novo alguém. Entretanto não se trata disso.

Quando um casamento acaba é porque antes do fim já acabara o diálogo, já acabara o sexo, já acabara a vida em comum. Quem separa não é o Juiz, mas o homem e a mulher implicados nessa relação, dois que nunca aprenderam a perdoar. O casamento morre quando morre o diálogo, quando morrem o respeito e o espírito de perdão.

O Juiz existencial que separa ou que ajunta o casal pode ser: ou o amor ou o ódio, o perdão ou o ressentimento, respectivamente.

Se não houver perdão, ainda que continuem debaixo do mesmo teto as almas se divorciam. Sem perdão dorme-se na mesma cama mas não se tem uma cama comum para as mesmas almas descansarem, para

dormirem juntas no repouso psicológico, espiritual e moral da oração. Sem perdão não há unidade que sobreviva numa relação familiar.

Em terceiro lugar, sem perdão prevalece a lei da dureza de coração. Jesus disse: Moisés permitiu o divórcio por causa da dureza dos corações que não aprenderam a perdoar.

Divórcio é o amargo remédio de Deus para aqueles que não aceitaram a terapia própria no tempo próprio. Divórcio é a amputação para os que não se deixaram tratar enquanto havia tempo, enquanto a putrefação não tomava conta do corpo. Divórcio acontece por causa da natureza dos corações.

Mas se houver perdão, até aquilo que Jesus diz que pode justificar o divórcio que neste texto aqui é expresso como adultério, única situação que Ele permite justificar uma separação pode ser sobranceiramente eliminado pela via do perdão. É um conceito alto demais. Por isso Jesus conclui dizendo: Quem estiver apto para admitir, admita-o.

Mas sem perdão só o que fica é a lei seca. Sem perdão o que resta no casamento é a lei da dureza do coração. Corações empedernidos, feitos da mais dura rocha.

Certa vez sofri muito visitando um casal que estava estremecido e em vias de separar-se. Estive na casa deles tentando dissuadir o marido, porque ele era a parte desejosa de fraturar a relação familiar. Passei ali horas relembrando o que Jesus poderia fazer pelo casamento deles. E falei: Se você quiser, se você desejar, pode haver um milagre. Ele me respondeu: Não, pastor, as minhas razões são muito fortes para deixar a minha mulher. Perguntei-lhe: Quais são as suas razões? Ele respondeu:

"Primeiro, ela não está no mesmo nível cultural que eu; segundo, sexualmente, já não cria em mim o mesmo tipo de alegria que criou nos primeiros meses, no primeiro ano. E ainda mais, nós somos muito ríspidos um com o outro. O que sobrara da relação deles era apenas a lei da dureza do coração".

Observem essa seqüência na vida do rapaz. Por qualquer motivo, a cultura já não satisfazia, inexistia a unidade de almas, a harmonia de mentes, e o que restava era a lei da dureza do coração.

Ele a traíra e ela o perdoara. Permaneceram entre eles algumas rusgas e algumas desconfianças que transformaram essa rachadura num

imenso abismo, um assustador talvez entre ambos. Chorei com eles, me humilhei diante daquele moço, implorei que não fizesse aquilo. A esposa estava lá no quarto em prantos, grunhindo. Pedi ao rapaz que lhe permitisse uma nova chance, para Deus trabalhar na vida deles, um tempo para Ele ensiná-los a perdoar.

Aí ele me olhou e falou: Eu vou pensar no seu caso. A esposa dele depois me contou que quando a porta se fechou após mim ele entrou e avisou, seco: Vá fazer minhas malas que eu vou embora.

Sem perdão não há nenhum casamento que sobreviva.

Capítulo Quatro

PERDÃO NAS RELAÇÕES EM GERAL

Jesus nos ensina o perdão nas relações interpessoais. É exatamente o texto que lemos, nos versículos 21 e 22. Pedro se aproxima de Jesus depois de ouvir falar desse padrão elevado acerca do perdão. Ele achou que era demais para qualquer ser humano normal. Inquiriu: Senhor, quantas vezes? Até sete vezes num dia? Jesus disse: Olhe, eu te digo que não só sete, mas setenta vezes sete.

Tenho certeza do que Pedro tinha em mente. Um dia no céu vou tirar essa dúvida, vou chegar e perguntar: Irmão Pedro, o que você tinha em mente quando fez aquela pergunta? Acho que ele vai me dizer: Você tinha razão, era exatamente isso que eu tinha em mente.

Sabem o que penso? Que Pedro tinha em mente o texto de Gênesis 4:15 O Senhor porém disse-lhe: Portanto qualquer que matar a Caim, sete vezes será castigado. E pôs o Senhor um sinal em Caim, para que o não ferisse qualquer que o achasse.

Talvez Pedro tenha pensado assim: Deus é o Deus de Caim. Deus é quem vai vingar o homicida sete vezes. Deve ser por isso que Ele perdoar o irmão no mínimo sete vezes.

Nesse ponto Jesus dá uma resposta que extrapola tudo quanto Pedro pode ter pensado. Jesus responde positivamente ao que Lameque pronunciou negativamente. Veja o texto de Gênesis 4:23 e 24 no qual

chama as suas duas mulheres e lhes diz: Olhem, escutem essa estória do jornal de hoje. Eu matei um homem porque ele me pisou (no hebraico é ele tropeçou no meu pé), e um menino porque me feriu (no hebraico é arranhou). Uma pisadela e um arranhão, por essa razão ele matou os dois.

Pensou Lameque: Vingaram-se de Caim sete vezes? Ora, se eu fiz muito mais do que Caim que só matou uma pessoa vingar-se mas sem me matar 70 x 7. Quer dizer, ele foi cínico no que fez.

Hodiernamente quem nos ensina isto na realidade brasileira é um rapaz de 23 anos chamado Wladimir Tomarevisk, que no dia 31 de outubro de 1983, ao meio-dia, ouviu sua mulherzinha, com a filhinha de uma ano ao colo dizer: Meu amor, fique em casa, pois você está cansado. Enquanto isso eu vou ao banco pegar nosso dinheiro. A comida está na mesa Ele ligou a televisão e começou a comer assistindo ao Jornal. Enquanto isso sua esposa está no Banco, sacando o dinheiro na fila, quando entraram uns assaltantes e trocaram tiros com guardas. Antes disso tinham posto o revólver na cabeça da garotinha Talita, filha de Wladimir que chorava, dizendo à mãe: Diga prá essa droga calar a boca, senão eu estouro os miolos dela.

Mas quando a troca de tiros se iniciou, uma bala atingiu a mãe Laura e outra a criança Talita. O rapaz, com a comida na boca, em casa, vê a televisão que interrompe o noticiário porque a notícia chegou primeiro à TV do que a sua própria casa com cenas e imagens do assalto do Banco. E ele ouve dizer que a sua esposa e a sua filhinha — esposa que tinha deixado a comida no prato e que tinha ido ao Banco pegar um dinheirinho — estavam mortas.

E quando a TV perguntou: Por que isso? O que falta nesse mundo?, ele respondeu: A violência é a ausência de Cristo no coração dos homens.

A polícia matou 4 dos 5 assaltantes, 1 sobreviveu, e quando nós entrevistamos o Wladimir Tomarevisk no nosso Programa Pare e Pense, ele mandou um recado para o assaltante: Se você estiver me vendo, se você estiver me ouvindo, onde você estiver, quero dizer de coração, sem mágoas, sem ressentimento, que eu amo você em nome de Jesus, que eu quero ser seu irmão, onde você estiver. Ouça isso; eu não tenho mágoas. Doeu, ficou uma saudade imensa, mas eu quero oferecer perdão a você. Só sendo profundamente cristão é que se pode ter a reação desse ser humano. Esse é o espírito do 70 x 7.

Capítulo Cinco

O PADRÃO DO PERDÃO

Mas Mateus, 18:23 e 35 não só nos fala sobre perdão na Igreja, no casamento e nas relações interpessoais (homem a homem, face a face, cara a cara), mas inclusive sobre perdão do perdão. Quando Jesus acabou de responder a Pedro: Pedro, não só 7 vezes, mas até 70x7, o verso 23 diz que Jesus, com a expressão de transição iniciou uma parábola: Por isso o Reino dos Céus é semelhante, ou seja, essa parábola é a ilustração do que Jesus estava querendo ensinar sobre perdão. Vocês conhecem a parábola, não é?

Ela fala daquele Rei que chamou seus servos para prestarem contas. E veio um que lhe devia 10 mil talentos, e não tinha jeito nenhum como pagar. Aí então o Rei ordenou: Vendam a ele como escravo, a mulher, os filhos, a casa e tudo que ele tem.

Quer dizer, ele devia tanto que nem ele mesmo com tudo que possuía dava para pagar. Ele devia mais do que valia. Caiu então de joelhos, chorando: Eu suplico, pelo amor de Deus, não faça isso comigo. Então o Rei, tocado, diz: Olhe, vá embora, sua dívida está paga, você está perdoado.

Ele saiu da presença do rei. No caminho encontrou um homem que lhe devia 100 denários. Quando encontrou o outro, saltou-lhe ao pescoço, sufocando-o, e sacudindo-o, disse-lhe:

Pague-me o que me deves, paga-me o que me deves. O outro implorava: Eu suplico, por favor, eu não tenho como.

Paga-me o que me deves dizia ele.

Pelo amor de Deus, não! suplicava o outro.

Ele então disse: Lancem-no na cadeia! Ele só vai sair de lá quando pagar o que me deve.

Mas seus companheiros observavam aquela sua atitude; sabiam o que o rei tinha indulgentemente feito por ele, a graça e o favor imerecido

que lhe dispensara. Viram também a maneira diametralmente oposta como ele tratou o outro. Então disseram ao rei e este o chamou e disse: Tu és malvado, eu te perdoei a tua dívida, por que não fizeste o mesmo com o outro? E diz o texto:

Então o rei, indignado, o entregou aos verdugos até que ele pagasse toda a dívida. E Jesus conclui: Assim também meu Pai Celeste vos fará se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão. (35)

O perdão na igreja, no casamento e nas relações interpessoais tem um padrão, e Jesus ensina qual é esse padrão.

Quando nós nos confrontamos com a necessidade de perdoar alguém devemos ter em mente seis realidades sobre o padrão divino de perdoar.

1. Devemos ter em mente que todos nós somos devedores. Todos devemos ao rei, todos devemos a Deus, todos devemos mais do que valemos. Nossa capacidade de dever é muito maior que a nossa capacidade de ser. O que somos não paga nem o que devemos. Somos eternos devedores: nosso pecado, nossa culpa, nossa condenação, nossa dívida é maior do que a nossa capacidade de pagá-la.

2. Você e eu precisamos saber, sempre que estivermos confrontados com a necessidade de perdoar alguém, que todos nós recebemos graça (26,27). Quando nos ajoelhamos, quando clamamos, quando suplicamos, quando dizemos: Tem piedade de mim, Senhor, Ele já perdoou toda a dívida. A dívida está paga, está consumada não há mais o que pagar, Deus cancelou todo o débito, usou de graça para comigo e para com você.

3. Tudo quanto nosso próximo nos deve é infinitamente menos do que aquilo que devemos a Deus. Quando alguém houver feito alguma coisa contra você, quando alguém houver tomado emprestado e não tiver restituído, quando alguém o tiver magoado, iludido, traído, esfaqueado psicológica e moralmente, saiba que sua dívida com Deus é infinitamente maior do que a dívida do seu próximo para com você. A dívida de qualquer pessoa para comigo é infinitamente menor do que a minha dívida para com Deus.

Vejam a comparação que a Bíblia faz dos valores perante Deus. Ao rei, ele devia 10 mil talentos, 60 milhões de denários. Já o outro ele devia 100 denários.

Observem a diferença de 60 milhões para 100. O que meu próximo deve a mim não se compara com o que eu devo a Deus.

4. Não perdoar ao próximo é tratá-lo como Deus não nos tratou (28 e 30). É jogar o meu próximo no cárcere psicológico, existencial, moral e espiritual. É lançá-lo num inferno temporal. E Deus não nos lançou no inferno eterno.

5. Todos os que recebem o perdão de Deus têm perante Ele o compromisso perpétuo de repetir o mesmo gesto com os outros tantas vezes quantas sejam necessárias. Então o seu Senhor, Chamou-o, disse: Servo malvado, perdoei-te aquela dívida toda, porque tu pediste, tu me suplicaste; não devias tu igualmente, ou como eu fiz contigo, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti? (32,25).

Quem recebeu o perdão de Deus tem um compromisso perene, perpétuo, definitivo, repetível tantas vezes quantas sejam necessárias de dar aos outros o mesmo perdão que Deus lhe deu.

Você recebeu graça? Você recebeu perdão? Então você está eternamente comprometido a ser uma miniatura de Deus nas relações com o seu próximo! Você está eternamente obrigado a repetir o mesmo gesto na relação com os outros. Sois deuses, como disse Jesus, nessa pequena relação de indulgência, de perdão, de misericórdia perpétua para com o outro, para com o próximo, na família, no trabalho, na igreja, na sociedade lugares onde diariamente esses reclamos nos são feitos pela própria realidade.

6. Quem não perdoa coloca a si mesmo debaixo do juízo de Deus outra vez: Indignando-se o Senhor o entregou aos verdugos até que pagassem toda a dívida. E Jesus não brinca, diz: Assim também da mesma maneira (sem tirar nem pôr), meu Pai Celeste vos fará, se no íntimo, (não só na fachada, não; na plasticidade do rosto, no faz-de-conta, mas no íntimo) não perdoardes cada um ao seu irmão (34, 35).

Há muitos verdugos psicológicos, existenciais, emocionais e espirituais para nos punirem já nesta vida. Quem não perdoa não será punido apenas na eternidade, é punido aqui. Quem não perdoa já está sob o poder dos verdugos aqui. Quem não perdoa fica com cancro na alma, envenena o coração e se auto-chicoteia pelo verdugo da consciência. Flagela-se, encarcera-se, tem sua penitenciária neste mundo.

Conheço um homem que viu o genro matar o seu filho. Ele sabia que, o genro matara o filho porque este queria matar a ele, o próprio pai. A partir disso desenvolveu-se um triângulo de ódio: ódio pelo filho que fora morto e que intentava matá-lo; ódio pelo genro que matou o filho, e ódio deste para com ele (porque tendo morto o cunhado em defesa do sogro, recebeu dele ódio). Fechado nesta masmorra triangular ele se colocou com um verdugo na consciência o ódio que ele destinou a si mesmo: Um auto- desprezo, um auto-odiar-se.

Quando o conheci esse homem estava há mais de um ano sem conseguir pronunciar uma única palavra. Ele não conseguia dizer: eu, água, pão.... nada. Mudo há um ano, estava sob o poder dos verdugos, no cárcere da alma.

Cheguei ali e falei de perdão. Insisti no perdão e no amor de Deus. Com cerca de setenta anos, riquíssimo, dizem que bilhardário, é um homem destruído, alquebrado. Beijei-lhe a testa, acariciei seu rosto, falei do amor de Cristo. De repente duas lágrimas começaram a rolar na sua face. Pedi-lhe que dissesse Deus. Ele queria falar e não podia. Impus as mãos sobre ele e orei. Depois a esposa me chamou à sala. Enquanto fui até lá serviram-me um copo d´água e ela entrou no quarto. Foi então que que ele a puxou pela mão e olhou para ela. A esposa, beijando-o na testa, o ouviu estática dizer Deus. Estava começando a sair do cárcere, começando a escapar do poder dos verdugos.

Para quem não aprende a perdoar há verdugos nesta vida e na outra. Ainda sobre o padrão do perdão saibam o seguinte: o padrão do perdão não é humano; seu padrão é divino.

Na introdução eu afirmei que a natureza, o cosmos caído, não desenvolveu essa atitude de perdão nem por via de seleção natural, nem por geração espontânea. Não há em nenhum lugar do cosmos esse padrão. Os leões, cabritos, pombinhos e avestruzes não fazem isso. A Natureza não está organizada para essa lei do perdão. Se há algo estranho à Natureza e ao homem vem de cima, vem de Deus, é um padrão celestial: Toda a boa dádiva e todo o dom perfeito vem do alto, descendo do Pai das Luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação. Segundo a sua vontade, ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como primícias das suas criaturas. (Tiago 1:17-18).

Num dos livros de Dostoievsk o autor constrói um personagem que se tornou ateu porque descobriu que na natureza não há nenhuma lei que

equivalha a qualquer coisa parecida com o cristianismo. Logo o cristianismo não era possível, não era exeqüível debaixo do sol. Ao invés de ficar ateu com esse raciocínio, eu me tornei mais teísta ainda. O cristianismo não é deste mundo, desta ordem. Sou um E.T. debaixo desse sol, mas comprometido a viver esse padrão celestial aqui e agora. O perdão do homem para o homem deve ser repetição, no nível horizontal, do perdão de Deus ao homem. Os homens perdoados por Deus são eternamente devedores de perdão ao próximo.

Recordo uma estória que ouvi e que me marcou para o resto da vida. Um certo beduíno estava dentro da sua tenda ao sol da Palestina quando entrou correndo, um garoto adolescente, que se refugiou atrás dele, chorando e grunhindo. Logo em seguida chegou uma turba alvoroçada, empunhando cacetes e facas. Abriram a portinhola da tenda e disseram ao beduíno: Dá-nos este menino porque ele é um assassino. O beduíno respondeu: Mas há uma lei entre nós que diz que quando um assassino se refugia numa tenda e o dono da tenda lhe dá abrigo e guarida, ele está absolvido.

Eu me compadeci deste garoto, quero perdoar-lhe. E o garoto tremia..... Mas eles disseram: Você lhe quer perdoar porque não sabe o que ele fez e nem a quem matou. O beduíno falou: Não importa, eu quero perdoar a ele. Os homens então afirmaram: ele matou seu filho. Vá ver o corpo dele sangrando na areia ali fora. O beduíno caiu num profundo silêncio, depois, enxugando as lágrimas, disse: Então eu vou criá-lo como se fosse o meu filho a quem ele matou.

Esse é o padrão do perdão divino. Deus não fez isso por nós? Jesus fez muito por nós na cruz. Está consumado e Hoje mesmo estarás comigo no paraíso, são ofertas irrevogáveis de perdão que Ele nos faz. Escondidos atrás da Cruz temos acesso à Tenda do perdão. E não apenas esse é o padrão divino, mas o padrão para o qual Deus nos desafia.

Capítulo Seis

O Processo do Perdão

Vamos agora estudar o processo do perdão: como ele acontece e quais são os passos psicológicos, comportamentais e espirituais que eu e você temos que dar nesse caminho do 70x7.

1º Passo: Jesus inicia dizendo que o 1º passo que eu preciso dar quando penso em perdoar a alguém é o da cautela. Ele diz: acautelai-vos (Lc. 17:3).

Cautela para não ser injusto, para não ser duro, para não ser motivo de tropeço (Lc.17:1,2). Pois às vezes, no desejo de consertar relações, nós esbagaçamos as pessoas com a nossa falta de cautela, com a nossa falta de senso de justiça e de equilíbrio.

Julgamos conforme o nosso ouvido escutou, segundo a aparência, sem auscultar o coração da pessoa, sem saber como as coisas de fato são. Julgamos sem critério de justiça e verdade (I Co 4:5).

Por isso quando você partir para o caminho da reconciliação, cautela. Cautela para ouvir mais e falar menos, cautela para realmente desenvolver um senso de justiça, caso contrário ao invés de consertar a relação você virá a esbagaçar, estraçalhar o coração de seu irmão prá sempre, ou fazê-lo vacilar, tropeçar. (Lc. 17:1,2).

2º Passo: Deve haver confrontação. Se o teu irmão pecar contra ti (...), que aconselha Jesus? Repreende-o (Lc. 17:3). Jesus nega aqui três idéias mentirosas que correm em nosso meio.

A primeira é a de que o silêncio é a voz do perdão. É mentira, no entanto, é exatamente isso que a gente aprende: que o silêncio é a voz do perdão! Asseveramos: Não disse nada porque está resolvido, está perdoado.

É mentira! O silêncio não é a voz do perdão, o silêncio é da raiz da amargura. O silêncio é a voz maligna da acusação profunda, é muitas vezes a voz sem som de um coração cheio de autopiedade.

Outra idéia falsa que Jesus desmistifica e destrói é a de que o tempo é um santo remédio para curar as relações. Quantas pessoas estão ruminando um atrito dez, quinze anos? Nas vidas de quantas pessoas a

ruptura começou apenas com uma ferida, hoje transformada em carne viva? O tempo não é um santo remédio. Talvez o tempo aja com respeito às rejeições interpessoais não curadas tanto quanto um câncer não tratado age no corpo humano. Ao invés de o debelar, produz metástase em todos os órgãos.

Jesus também acaba com a idéia de que sentir-se ofendido é perder a razão. Isto porque ele admite que o irmão pecou contra você e que você sentiu ofendido com o que o irmão falou. Ele não nega a humanidade de ninguém, não furta o amor-próprio de ninguém, não arranca a dignidade inerente a ninguém, não transforma ninguém num amorfo, um indivíduo sem sentimentos, num bambu. Jesus não é budista, Ele é o Cristo, o Senhor do Cristianismo. O Budismo é que diz que você se torna maior na medida em deixa de ser pessoa, na medida em que mata a sua personalidade. Dizem os budistas que você é feliz não pelo acréscimo de felicidade, mas pela ausência de dor. Jesus não ensina isso. Ele diz que você pode admitir o fato da ofensa, também a realidade de que aquilo que fizeram a você doeu, que você ficou magoado, que você se sentiu mal. Em Cristo você pode dizer ao seu irmão: O que você fez contra mim me humilhou. Ele não nega este fato da sua humanidade. Ele foi um homem traído, não foi um traído glacial. Disse ao seu traidor: Judas, se tens que fazer, faze-o logo porque para mim está sendo difícil conviver com essa morosidade da traição. Diz também: Vem, Judas, beija-me. Após isso Ele afirma: Com um beijo tu trais o Filho do Homem. Ele é gente, é Deus feito gente. Desse modo acabamos com essa idéia de que se sentir ofendido é perder a razão. Perder a razão é não se sentir ofendido mas achar que os fins justificam os meios e agir com os meios carnais.

Mas atenção! este confronto, deve ser cauteloso, manso, educado e sincero. Jesus instrui o confronto, mas esse repreende- o não inclui a falsa dialética de que os fins justificam os meios. Repreende-o com brandura, é o que o Novo Testamento manda, é o que o livro de Provérbios ensina. Em Romanos 12 há exortações à repreensão branda (Rm. 12:19 a 21). II Timóteo 2:25 aconselha que o pastor repreenda a ovelha com brandura. Repreensão pode ser branda, mas deve ser confrontação.

Em Colossenses, 1:28 usa-se a palavra grega nautetesis para a palavra advertindo, que significa ficar cara a cara. Paulo diz: Eu fico cara a cara com cada homem, confrontando cada homem, tentando levar cada homem a se tornar perfeito em Cristo Jesus.

Então não fujas do face a face, do rosto no rosto, não se furte a fazer como Eliseu fez com o menino (II Reis 4:34). Nessa ressurreição do irmão morto tem que haver esse cara a cara, esse corpo a corpo. Não fujas disso.

Muitas vezes a gente adia sine die esse enfrentamento do amor. Mas quanto antes ele puder acontecer em brandura, em amor e mansidão, tanto mais cedo virá a cura.

3º passo: Deve haver arrependimento (Lc. 17:3).

Jesus diz que se o irmão se arrepender, ótimo. Deve haver uma mudança de mente. Não é apenas um vamos conversar, quando cada um diz ao outro um punhado de malquerenças.

Depois saímos ousadamente dizendo aos outros: Nós somos transparentes. Conosco a coisa é resolvida assim. Ele me diz desaforo eu digo também, e acabou. Não é assim, mas ao contrário: o seu irmão deve se arrepender, ou você deve se arrepender, ou os dois devem se arrepender. Arrependimento tem que ser o grand finale dessa tentativa de fazer a orquestra tocar essa harmonia (Mt. 18:19). Tem que haver mudança de mente e de atitude, e na medida do possível de forma verbalizada, com palavras, com a língua que feriu, que magoou e que destruiu. Deve ser a mesma língua que feriu a que passa o bálsamo de Gileade na ferida do irmão.

Só que há alguns que têm uma dificuldade tumular para abrirem a boca. São psicologicamente uns sarcófagos faraônicos. Gente fechada e que desde criança em casa aprendeu a receber o perdão do pai apenas com uma passada de mão na cabeça. Tem pai que quando perdoa faz assim, passa a mão na cabeça. Há pessoas que aprenderam a se reconciliar com o irmão dizendo sucintamente: Você quer jogar o meu jogo agora? Mas há outros que aprenderam com o pai a fazer diferente. O pai ensinou com gestos e palavras o seguinte: Filho, eu bati em você injustamente. Perdão, filho. Ou então: Olhe, a gente se desentendeu, mas vamos nos entender agora?. Ajoelham-se juntos e ele diz: Pai, perdão.

Mas infelizmente nem todas as famílias são assim. Algumas criam as pessoas como um parque aberto, outras as criam como um sarcófago fechado. Mas eu não devo estuprar o meu irmão. Se o meu irmão pode verbalizar isso em termos de um perdão com palavras, ótimo. Mas eu devo ser suficientemente sensível para ler as atitudes do meu irmão, para ler os olhos, a face ou a mão, sem ser cigano. É fácil ler a mão sem ser

cigano. Quando a mão suspende e o caído pega com carinho o rosto do irmão. Ás vezes não se sabe pedir desculpa, mas tá na cara, ou na mão.

4º Passo: Deve haver perdão. (Lc. 17:3,4). Até aí não houve perdão. Primeiro vem a cautela, depois a confrontação, em seguida o arrependimento. Mas agora entra essa palavra divina na história na história de dois homens, de um homem e uma mulher a palavra perdão. Perdão que é na minha pobre definição, o oferecimento de uma mente sem memória, o resultado da amnésia do amor.

Uma vez eu estava num programa de televisão em Manaus e o entrevistador me pegou de chofre, pois virou-se para mim e falou: O que é perdão?. Eu tomei um susto, pois não dava tempo de elaborar uma resposta. Mas falei baixinho: Socorro, Jesus. E me veio a seguinte idéia: Perdão é uma mente sem memória, é dar chance para o irmão nascer de novo na minha história, como se ele não tivesse história nenhuma. É deixar ele brotar aqui no coração, é oferecer a ele um porto na minha vida. Perdão é esquecer. Entendam o que eu vou tentar dizer: Perdoar é ser um pouco Deus, na relação horizontal entre homem e homem. Lembram-se de que o padrão desse perdão é divino? Deus não é aquele que esquece os nossos pecados? Hebreus, 10:17 diz: Dos teus pecados eu já não me lembro mais. O amor encobre multidão de pecados. Deus sepulta os nossos pecados no Oceano Pacífico a 11.000 metros de profundidade. No fundo dos mares, não é isso que o profeta diz? Ele afasta as nossas transgressões como o oriente está afastado do ocidente. Deus nos oferece uma mente sem memória.

Isso é perdão.

Perdão que daqui a 5 anos repete tudo que foi feito contra nós a 6 anos não é perdão, é ilusão, é tapeação. Perdão só trata do daqui prá frente, esquece o ontem, não tem passado, não tem história, é futurista, é otimista, só vê além. Como o padrão do perdão é o padrão divino, então devemos ser capazes de perdoar até as pessoas não arrependidas. Quando há arrependimento existe cura nas relações, mas ainda que o irmão não se arrependa eu tenho que perdoar-lhe, porque o padrão do meu perdão é o padrão do perdão de Cristo. E o que Cristo disse? Pai, perdoa-lhes, porque eles não sabem o que fazem. Perdoa até os não arrependidos, perdoa até aos ignorantes, foi o Ele pediu ao Pai.

Capítulo Sete

O Agente do Perdão

Jesus agora nos ensina sobre o agente do perdão. Lc.17:5-6 Disseram então os apóstolos ao Senhor: Acrescenta-nos a fé. E disse o Senhor: Se tivésseis fé como um grão de mostarda, direis a esta amoreira: Desarraiga-te daqui, e planta-te no mar; e ela vos obedeceria. Quando Jesus acabou de dizer isso, Pedro se meteu na história como acontecia muito frequentemente tomou a palavra e pediu: Senhor, aumenta-nos a fé. Quando leio isso eu digo ao Senhor também: aumenta a minha fé. Aumenta, porque esse é um padrão elevado demais para a velha, caída e desestruturada natureza humana. Na realidade todos nós quando somos confrontados com tão elevado padrão dizemos o mesmo que disseram os apóstolos: Aumenta-nos a fé. E com esse pedido aprendemos três coisas sobre o agente do perdão.

A primeira é que todos nós estamos abaixo do padrão.

Aumenta-nos significa que estamos muito abaixo. Nenhum de nós está nesse nível, ninguém em parte alguma deste planeta está naturalmente nesse piso, natureza humana nenhuma vive sossegada nesse andar. Esse andar da vida é um andar de extremo auto- sacrifício é o andar da cruz, do morrer, do segue-me, do crescer.

É o piso do humilhado, do carente, do que sabe que não tem, do que reconhece que sozinho não pode.

A segunda coisa que esse aumenta-nos a fé nos ensina é que o Senhor é o único que pode nos ajudar nesse caminho de elevação da nossa fé. É lindo o que Pedro e os apóstolos nos dizem.

Eles não dizem : Senhor, aumentaremos a fé, mas pedem: Senhor, aumenta-nos a fé. Por trás desse pedido eles estão confessando: Só tu, só o teu trabalho em nossa vida, Senhor, pode erguer-nos. Se não houver uma intervenção tua, do teu Espírito em nós, não sairemos nunca do teor tateante do pó. Aumenta-nos a fé.

É interessante observar que esse texto ensina que fé não é coisa para se crer, fé é coisa para se ser. Nós só damos ênfase à fé como algo para se

crer, mas fé aqui é como algo para se crer, mas fé aqui é algo para se ser. Subjaz o seguinte pensamento:

Aumenta-nos a fé para sermos esse tipo de pessoa: não apenas aquele que crê, mas aquela que é. O Novo Testamento ensina várias diferenças de fé; fé que crê no impossível, mas também fé do ser: Quem não ama os da sua casa é pior do que os descrentes, tem negado a fé. Esse é o lado existencial e comportamental da fé, é o lado psicológico da fé, é o lado do caráter da fé, porque a raiz grega da palavra fidelidade de onde deriva a palavra fé tem a ver com ser, com caráter, com existir, com integridade do nosso eu e da nossa pessoa.

A oração que se tem que fazer nessa hora é esta: Senhor, aumenta-nos! Não aumenta apenas a nossa capacidade de crer, mas aumenta a nossa capacidade de ser. Somos uns meros pigmeus na fé, somos uns duendes sem mágica. Mas aumenta-nos, Senhor!

Desenvolve-nos e dá-nos a estatura de um cristão, para que o padrão do perdão seja alcançado, não seja apenas como um fruto desejado numa árvore alta. Senhor, dá-me o pescoço da girafa, para comer desse fruto. Desenvolve a minha vida, aumenta a minha fé.

Jesus também nos ensina que do resíduo da nossa fé Deus pode operar esse milagre. Isso é confortador. Tenho impressão que Jesus tinha ali na mão uma sementinha de mostarda, pois notemos o que ele diz: Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta amoreira (com certeza ele tinha ali do lado uma amoreira, estava bem ali os discípulos ficaram olhando): Arranca-te e transplanta-te no mar (Lucas 17:6). E a amoreira ganharia pernas e iria se plantar na areia fofa e salgada. Nada vos será impossível se tiverdes fé. Jesus estava ensinando que ele pode desenraizar as amoreiras do ódio, da amargura dos corações e jogá-las muito longe, se nós tivermos fé. Se tivermos dupla fé: fé que não podemos e fé que ele pode. Se você tiver essa fé e der uma ordem Não há terreno no meu coração para tu floresceres. Cacto, espinheiro, vai para o deserto, pois minha alma é um jardim regado, não há lugar para ti aqui. Dê ordens! Dê ordem à mente, à memória, ao coração: arranca-te!. Diga isso só uma vez. Não diga muitas vezes, senão vira obsessão, e ao invés de curar, faz adoecer.

Eu me lembro do drama de cada um dos meus pais, vivido há muitos anos. Quando papai começou a progredir na vida, aí por volta dos anos 57,58, foi ganhando dinheiro rapidamente, tornando-se

bem de situação, com uma banca advocacional muito rica, diziam que a maior e a mais rentável da cidade.

Aí envolveu-se com indústrias, mineração de ouro e em 63 comprou um canal de televisão no Amazonas, adquirindo também todo o equipamento para a instalação da emissora. Mas, nesse caminho de sucesso profissional houve paralelamente em sua vida um trajeto de desgraça moral.

À medida que começou a profissionalmente crescer, moralmente se abissou, foi para o fundo de um talvegue, o meio de um sorvedouro, uma vertigem, uma voragem: mulheres. Mas na variedade ele encontrou uma pela qual se apaixonou. Ela era muito bonita: loura, esbelta, delgada, insinuante, adstringente, tipo Marylin Monroe, bustos crescidos, falante, toda extroversão. Eu me recordo que quando tinha 7 anos de idade e vi aquela mulher pela primeira vez prometi a mim mesmo que quando crescesse iria matá-la. Mamãe chorava muito, desabafando as lágrimas com a mãe e comigo. E eu ouvia tudo aquilo: as dores e humilhações pelas quais ela passava. No silêncio da casa era o pombo-correio. Eles ficavam dias e dias, meses inteiros sem se falar. Era eu também que pedia dinheiro de um, levava dinheiro pro outro, recado prá um, recado pro outro. Era uma coisa horrível. E eu odiei aquela mulher mesmo!

Mamãe chorava todo dia, papai foi ficando cínico. Me lembro que uma manhã mamãe, mesmo sabendo o que ia ver não se controlou, me pôs no carro e fomos à casa da referida mulher. Quando chegamos lá, vimos meu pai abraçado com ela. Tornei-me muito agitado, muito nervoso e cheio de tiques. Aí veio a Revolução de 64 e papai perdeu quase tudo, ou seja mais de 80% do que tinha. Fomos morar no Rio de Janeiro, em Copacabana. Lá eu esperava papai vir num caixão para casa, todo dia, porque ele andava armado para matar 8 pessoas que por sua vez o queriam matar. Na minha mente infantil eu conjeturava: ele morre qualquer hora dessas...

Foi um tempo que ninguém pode imaginar. Papai e mamãe começaram a ficar preocupados comigo e com meus irmãos, porque nós ficamos cheios de tiques nervosos: um piscava demais, apertava os olhos, se sacudia todo; o outro engordava excessivamente e minha irmã ficava fechada num caramujo de complexos. Mamãe estava aflita e papai achando que nos estava estraçalhando.

Quando o dinheiro acabou, acabou também a paixão da mulher pelo meu pai. Ela então o traiu. Papai ficou reduzido a zero, a nada. Mamãe, por sua vez, estava cheia de mágoas. Não era fácil esquecer. Afinal, ele lhe tinha dito muitas coisas horríveis e humilhantes. A questão não era só ele deixar a outra; havia algo muito sério a ser feito.

Nessa altura papai resolveu mudar-se para Niterói, em busca de mais espaço para a família. Ficamos uns 3 ou 4 meses sem igreja, mas só o fato da mudança para perto dos meus tios e o afastamento daquela mulher trouxe grande alívio.

Eles me matricularam na natação, meus controles emocionais começaram a se coordenar, minha piscadeira foi diminuindo, tudo aquilo foi se apaziguando, a alma se aquietando. Logo depois começamos a ir à igreja. Papai começou a ler a Bíblia e dentro de alguns dias de leitura da Palavra de Deus ele estava convertido, transformado. O Espírito Santo lavou a alma da minha mãe também, encheu-a. Papai diz que só depois de aproximadamente 16 ou 17 anos de casados é que ele foi viver uma lua de mel com prazer. Os dois se perdoaram, se alentaram, conseguiram redescobrir o respeito de um pelo outro, a dignidade um do outro.

Mas existia o fantasma daquela mulher. Os anos se passaram e eu dei de cabeça pela vida 4 anos e meio, quase me destruindo todo. Mas aos 18 anos de idade encontrei Cristo, e as coisas mudaram radicalmente. Não muito tempo depois, talvez uns 3 anos após a minha conversão, aos 21 e meio de idade, eu já era pastor ordenado.

Certo dia eu ia fazer uma visita pastoral, quando me lembrei daquela mulher. A imagem dela vinha à minha mente forte, viva.

Eu me lembrava dela bonita e dizia a mim mesmo: já tantos anos se passaram, quase vinte anos, como estará ela agora? Eu não a vejo há tanto tempo, será que ela é bonita ainda? Será que ela é feliz? Será que encontrou alguém? Como será que ela é?

Continuei dirigindo o carro, quando passei em frente ao salão de beleza que ela havia montado. Ao passar em frente, senti aquela voz retumbar no meu coração: Volta, reconcilia-te com ela. Falei: Ah, Deus, será não podias mandar um outro homem pregar o evangelho para essa mulher? A ferida ainda está aberta em mim... Mas aquela voz perturbadora continuava: Volta e reconcilia-te com ela. Trata-a como se fosse tua mãe.

Eu parei o carro, orei, chorei e falei: Senhor, eu vou. Fiz então a volta e parei na frente do salão. Quando botei o pé naquela porta grande, ela estava lá no fundo. Ainda era bonita, já com os seus 50 anos, mas com uma fisionomia bela e atraente. Quando ela me viu logo me reconheceu, pois vinha assistindo ao nosso programa na televisão de Manaus. Ficou em pé, pálida, enquanto eu marchava em sua direção. Quando me aproximei ela perguntou:

Você é filho do Dr. Caio Fábio?

Sou sim, Senhora — respondi.

Você é o pastor que faz aquele programa na TV?

Falei: Sou eu, minha senhora.

Então você deve me odiar imensamente! exclamou ela.

Disse-lhe então: Ao contrário, eu vim aqui para lhe dizer que eu quero amar a senhora, quero respeitá-la como respeito minha mãe.

Aí ela começou a chorar e eu também. Nós nos abraçamos e ela me levou para uma sala atrás do salão. Aí falou:

A minha vida é uma desgraça. Eu passei a vida toda destruindo casamentos, estragando várias famílias, além da sua. Minha vida é um inferno. Hoje eu estou sozinha, ninguém me quer. Não consegui me fazer respeitar por ninguém...

Quando saí dali fui para casa de meus pais. Procurei mamãe e papai no quarto deles e lembrei-lhes que Deus entrara em nossas vidas mudando tanto as nossas existências individuais como o nosso destino familiar. Ambos reconheceram o fato alegremente.

Então eu acrescentei: Mas existe aquela mulher. Aquela mulher é uma desgraçada, nós somos felizes, mas... e ela?

Mamãe interrompeu: Não, eu oro por ela todo dia. Eu quero que ela seja salva.

Continuei: Então acho que a senhora deve ir lá pregar o evangelho para ela.

Mamãe objetou: Ó meu filho, eu peço a Deus que use alguém, porque para mim é difícil, muito, muito. Ela roubou minha vida, ela me

matou anos, ela me assassinou, ela... Eu não tenho ódio, mas também não consigo amá-la como devia. Por isso peço que Jesus envie alguém.

Foi aí que eu disse: Então Deus ouviu sua oração, porque eu fui lá e disse àquela mulher que eu quero amá-la como amo minha mãe, como amo a senhora. Ela disse que tem vergonha da senhora. Eu a convidei para ir à igreja e ela disse que não vai porque tem vergonha da senhora. Acrescentei: Mamãe, agora a porta está quase aberta, falta só a senhora ir e abrir.

Mas ela me disse: É demais para mim, meu filho. É um padrão elevado demais.

Eu não disse nada, fiquei indo à casa daquela senhora quase todo dia. Orando e lendo a Bíblia com ela. Dois meses se passaram e chegou o Natal. O Natal tem sido uma data muito forte lá em casa, pois uma semana antes do Natal papai se converteu. Agora era a noite de um outro Natal. Estávamos Alda, Ciro, eu, Suely, minha irmã recém-casada, Luis, meu irmão ainda vivo, e a Aninha, minha irmã caçula, ainda garota. Falei à mamãe: Olhe, mamãe, será que hoje a gente pode fazer um coral da família, e cantar para aquela mulher à meia-noite?

Aí mamãe pensou e falou: Podemos.

Ensaiamos três hinos. Então a Suely levou o violão e paramos o carro na porta dela. Estava bem escuro quando começamos a cantar. A grade do portão nos separava do resto da casa. "Nas estrelas vejo a sua mão, Deus não vive longe lá no céu, Ele vive aqui ", dizia a letra da música. De repente, reparei que a janela se abria, rangeu. Estava escuro demais dentro, mas eu sabia que ela estava ali naquela escuridão, olhando. Aí a luz se acendeu lá dentro, na sala. Cá fora estava escuro. Quando ela abriu uma nesga, uma frestinha da porta, veio aquele espectro, aquele facho de luz e deu para ver o rosto dela, a silhueta do rosto da mulher, lá dentro. Aí então mamãe deu um passo, ela deu outro, e ambas estavam de repente frente a frente, chorando.

Enquanto isso a gente continuava cantando, cantando. Elas se encontraram no meio daquele corredor e aí se abraçaram, se beijaram, se perdoaram. Papai a beijou, e abraçou... Hoje em dia, muitas vezes, quando ela está com problemas na família, nos negócios, numa coisa ou outra, ela corre lá em casa e diz: Lacy, me ajude, ora comigo. Vamos, diga-me: como é que eu faço? Me ajude a resolver.

Meus companheiros, só Jesus faz isso, só Jesus. Quando a gente diz: aumenta a minha fé. Aumenta porque eu não tenho essa altura, não tenho esse tamanho, não tenho essa grandeza. Mas ajuda-me não apenas a crer, mas a ser. O Senhor faz isso.

Capítulo Oito

ATITUDE PERMANENTE

Concluindo, aprendemos com Jesus qual é a atitude permanente frente ao dever de perdoar.

Jesus é de uma sabedoria incomparável, porque não deixa nada por se completar. Ele conclui com a conclusão. Conclui com a lógica psicológica e espiritual do assunto. Ele ensina qual é a atitude permanente do cristão frente ao dever de perdoar. A atitude constante, ininterrupta, permanente. Como é que se deve reagir a essa situação, no dia-a-dia. Jesus ensina isso através da parábola.

Vejam só: Qual de vós, tendo um servo ocupado na lavoura ou em guardar o gado, lhe dirá quando ele voltar do campo: Vem já e põe-te à mesa? E que antes não lhe diga: Prepara-me a ceia, cinge- te e serve-me, enquanto eu como e bebo; depois comerás tu e beberás. Porventura terá de agradecer ao servo por ter este feito o que lhe havia ordenado? Assim também vós, depois de haverdes feito tudo quanto vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer. (Lc. 17:7-10).

Jesus contou essa parábola porque normalmente o cristão é acometido por uma imensa autopiedade quando levado a praticar esses atos de obediência, de altruísmo e de perdão com muita freqüência. O comum é a gente ficar com uma pena enorme de si mesmo: Puxa, eu estou passando pela vida só perdoando, só perdoando. Sou uma máquina de perdoar, de dar, de dar, de dar. Puxa vida! pensamos cheios de autocomiseração. Cria-se uma terrível autopiedade. Vocês já sentiram isso? Eu já senti algumas vezes. E quando isso acontece desenvolve-se essa autopiedade em nós. É como pensar, sem ter coragem de dizer: Olhem, eu

estou passando dos limites. Ou então: Deus tem que me agradecer por eu ser um cristão assim tão perdoador.

Ah... no entanto, Jesus nos lembra três coisas.

Capítulo Nove

TRÊS LEMBRANÇAS IMPORTANTES

Primeira lembrança: Somos apenas diáconos da vida. O texto diz que somos servos. Somos servos do dono da fazenda, do mundo. Somos trabalhadores. Estamos aí para isso mesmo. Somos doulos, escravos de orelha furada, sem direito a coisa nenhuma, só a servir. O único direito do cristão é o direito de servir.

É o que também ensina Paulo: Por que não sofreis o dano? Por que não sofreis a injustiça? Esse é o padrão elevado (1 Co. 6:7).

Segunda lembrança: Fazer a vontade do Senhor é a coisa mais natural e normal para o servo. Cristo pergunta: Se o servo vem do campo, o que você diz primeiro? Você diz: Põe a mesa para mim porque eu vou comer e depois que eu acabar de comer, você põe a mesa para você e come. Depois que ele colocar a mesa para você, você vai agradecer a ele? Jesus diz não, ele é o servo. Eu não tenho que agradecer. Ele não faz mais que a obrigação. É natural para ele chegar do campo, lavar as mãos, fazer a comidinha e dizer: Patrão, coma. Não fez mais que a obrigação dele. Ele é servo. Quando você estiver perdoando, perdoando, perdoando, saiba que você está apenas fazendo o ordinário, você não está fazendo nada de extraordinário. O ordinário dos pagãos é saudar os que os saúdam, beijar os que os beijam, tratar bem os que o tratam bem (Mt.5). Em relação ao mundo, a vida do cristão é um extraordinário, mas em relação a Deus o nosso extraordinário não passa de um mero ordinário. É natural que eu e você nos submetamos a vida inteira a Deus.

Terceira lembrança: O Senhor não tem que nos agradecer por termos feito o que Ele nos mandou (Lc 17:9). Não tem que agradecer a você por ter feito o que Ele ordenou. Está ordenado e você tem que alegremente atender. E isso inclui o dever de perdoar sempre, desde o íntimo.

Concluindo, quero lhes dizer que somente quando nós nos vemos como servos inúteis é que somos capazes de viver a vida toda nesse padrão de perdão e de renúncia sem nos deixar possuir de orgulho por estarmos sendo extremamente perdoadores. E nem nos deixarmos possuir de cansaço por estarmos sempre tendo que perdoar. Ou de autopiedade, por estarmos freqüentemente perdoando.

Assim também vós, depois de haverdes feito tudo quando vos foi ordenado, dizei: Somos apenas servos inúteis, pois fizemos apenas o que devíamos fazer. Amigo leitor, minha oração é que nesse momento você já tenha se disposto a resolver todas aquelas situações de conflitos interpessoais que o têm atormentado. Talvez você não consiga resolver todos os problemas. Mas não se esqueça: Quando depender de vós, tende paz com todos os homens (Rom 12).

* * *